

Data: 10.07.2022

Titulo: Manuscrito asiático com 300 anos redescoberto em Lisboa

Pub:





Tipo: Jornal Nacional Diário Secção: Destaque Pág: 1;2;3;4



Poemas Manuscrito asiático com 300 anos redescoberto em Lisboa

Destaque, 2 a 4

.rea: 2188cm²/ 58%

OTO Tiragem: 7.

Data:

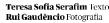
QuickCom

Tipo: Jornal Nacional Diário Secção: Destaque Pág: 1;2;3;4

Destague Livro de poemas em crioulo português e malaio

Redescoberto em **Lisboa manuscrito** asiático inédito com 300 anos

Documento esteve desaparecido 90 anos. Foi recentemente encontrado no Museu Nacional de Arqueologia e traz com ele 11 poemas inéditos. Com o anúncio da redescoberta, vem um livro com a sua primeira análise. Apresentação será a 19 de Julho



ntramos no depósito da Biblio teca do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, com um objectivo bem delineado: ver a caixa onde foi recentemente encontrado um manuscrito asiático de 300 anos com poemas inéditos de fusão portuguesa e malaia. "Vou à frente, porque isto é um bocadinho labiríntico para quem não conhece", enuncia a bibliotecária Lívia Coito. Fechado ao público, este labirinto é formado por salas forradas de estantes com revistas de arqueologia publicadas desde o século XIX numa primeira e segunda sala e livros antigos ou de consulta geral na seguinte.

Na dianteira do grupo que percorre este labirinto, está entusiasticamente o linguista Ivo Castro. "Está a aquecer, está a aquecer", vai dizendo à medida que desbravamos caminho. Ao longo deste trilho, vamos sentido o aroma de livros já com muitos anos e fixando os olhos nas estantes. Deparamo-nos com publicações do século XVI, XVII ou do XVIII. Conhecedora do espaço em que caminhamos, Lívia Coito tira das prateleiras um de 1552: "Manual de corfessores e penitentes", diz a ler o título. "Muitos deles têm anotações do Leite. Ele fazia notas." Todos os livros antigos que vamos vendo foram adquiridos por José Leite de Vasconcelos (1858-1941), primeiro director do museu – alguns eram dele e outros comprava para a instituição

Vagarosamente, vamos chegando à quarta e última sala. Lá, onde estão reservados com o legado de Leite de Vasconcelos, aguardam-nos caixas e mais caixas com milhares de documentos. Mas algo está reservado para nós. Assim que metemos os pés nessa sala, Ivo Castro dá-nos indicações precisas: "Levante os olhos. Olhe para a caixa verde. Foi aqui! Passámos por aqui à procura de outras coisas e plim." Aqui, nessa caixa verde intitulada "Manuscritos de Afonso do Paco. Hugo Schuchardt, Silva Correia, E. Hübner, Maximiano Polinário, Júlio Moreira", voltou a encontrar-se um pequeno cancioneiro que ostenta na sua capa o título em malaio Panton Malaijoe dan Portugees (Pantuns Malaios e Portugueses, em português). Este manuscrito asiático (pensa-se que de Batávia, actual Jacarta) com 300 anos tem poemas inéditos numa variedade de malaio e num crioulo de base portuguesa ambas as línguas já extintas. Esteve desaparecido durante mais de 90 anos

Viagem pela (re)descoberta

Surge-nos, portanto, a questão: porque esteve todo este tempo desaparecido? Para isso, temos de fazer uma visita aos seus proprietários conhecidos. A primeira paragem é em Londres. O alemão Ernst Reinhold Rost (1822-1896) adquiriu-o por volta de 1865 ao livreiro antiquário Bernard Quaritch. Perguntas surgem atrás de perguntas e questionamos ainda: como pode ter o documento chegado às mãos do livreiro? "Isso não se sabe. Viajou...", responde Ivo Castro. "Possivelmente, foi uma biblioteca vinda do Oriente comprada pelo livreiro." A partir daí, ficou na posse de Rost.

Ernst Reinhold Rost era um orientalista e trabalhou em Inglaterra. Foi secretário da Real Sociedade Asiática e publicou livros e catálogos de tema asiático. Estes conhecimentos não passaram despercebidos a Hugo Schuchardt (1842-1927), um influente linguista alemão e professor na Universidade de Graz, na Áustria. Schuchardt pede a Rost informações e este fala-lhe, entre outras coisas, do manuscrito. "Quando Schuchardt lhe fez perguntas, ele [Rost] disse-lhe que tinha um manuscrito assim e assim e que lho ia mandar", conta Ivo Castro, rofessor catedrático de linguística iubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Rost acaba por lho enviar por correio em 1885. Nessa altura, era um empréstimo e nem havia urgência na devolução. Numa carta sobre esse envio. Rost escreveu: "No conjunto de pantuns malaios encontram-se também alguns em português, nos quais aparecem, de vez em quando, palayras malaias." Schuchardt ficou

muito entusiasmado com esses pantuns, forma de poesia popular no Sudeste asiático. Percebeu logo que era algo extraordinário.

Ainda nesse ano, o linguista escreve ao secretário da Sociedade das Artes e Ciências de Batávia (de onde se supunha que fosse a origem do documento) a questioná-lo sobre o manuscrito. Aí comprova-se a raridade do que tem em mãos. Afinal, na carta que lhe enviaram, informavamno que se desconhecia tal documento, mas revelava-se informações sobre uma personagem num dos poemas.

Num dos seus estudos, publicado em 1890, Schuchardt acaba por falar do manuscrito emprestado por Rost e dos planos que tinha para ele – estaria a reservar uma publicação separada. Acaba por ser o proprietário oficial do manuscrito em 1895. Numa última carta desse ano, Rost diz que lhe oferece o cancioneiro.

Tal como acontecia com Rost, Hugo Schuchardt trocava correspondência com Leite de Vasconcelos, que foi, entre outras coisas, linguista, arqueólogo e etnógrafo. Ao todo, cartearamse durante 44 anos, entre 1882 e 1926. Falaram de muitos temas, como de dialectologia portuguesa ou crioulos de base portuguesa. A certa altura, acabam por se encontrar pessoalmente. Durante uma viagem por países europeus, Leite de Vasconcelos visita Schuchardt na sua casa em Graz. Este é, aliás, o único encontro

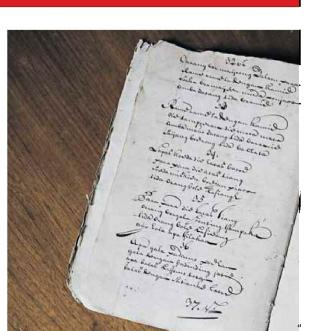
entre ambos. O linguista alemão mostra-lhe várias preciosidades e entre elas está o manuscrito com os pantuns. Leite de Vasconcelos ficou logo interessado no documento.

Em 1905, pede uma cópia a Schuchardt, "Não poderia V. Ex. enviar-me cópia completa, e bem legivel, do seu ms. do sec. XVII de Pantuns em malaio e crioulo-português de Batavia?", lê-se na carta enviada por Leite de Vasconcelos a Schuchardt e que está presente no livro de 2015 Hugo Schuchardt - José Leite de Vasconcellos: Correspondência, de Ivo Castro e Enrique Rodrigues-Moura.

Este pedido não agradou ao alemão. Aliás, embora os dois tivessem uma relação de cordialidade, de vez em quando, tinham fricções de natureza científica. Posteriormente, já mais calmo, o alemão acaba por dizer ao português que lhe legaria o manuscrito, mas só em testamento.

Hugo Schuchardt morre a 21 de Abril de 1927 e não se sabia bem o que tinha acontecido ao manuscrito. "Temos o Leite a dizer de várias maneiras que era herdeiro presuntivo do manuscrito, mas não tínhamos nenhuma indicação que estivesse com ele", recorda Ivo Castro. Mas, afinal, tinha mesmo chegado a ele.

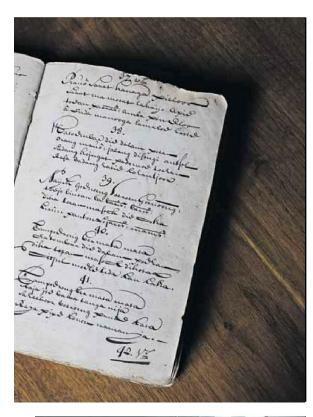
Sabemo-lo agora graças a Ivo Castro e Lívia Coito. Há uns anos, por conhecer a correspondência entre Leite de Vasconcelos e Schuchardt, o linguista tinha questionado a biblio-













No topo, páginas do manuscrito reencontrado em 2018 em Lisboa; e em baixo, o linguista Ivo Castro e a bibliotecária Lívia Coito com o documento à frente

foi o ano em que o manuscrito com pantuns recentemente encontrado chegou a Lisboa

tecária sobre se o manuscrito estaria no Museu Nacional de Arqueologia. "Perguntei se o manuscrito estava cá, mas a doutora Lívia foi ver ao registo e não o encontrou. Como nada garantia que cá estivesse, não pensámos mais no assunto. Não havia garantia que Schuchardt tivesse cumprido a palavra e Leite de Vasconcelos nunca disse: 'Ele mandou-mo'.

Foi mais tarde, em 2018, que a redescoberta se deu. Nesse ano, Ivo Castro e Lívia Coito percorriam caixas do espólio de Leite de Vasconcelos à procura de outros materiais e foi aí que tudo aconteceu, "Ocupados com umas caixas, de repente, esta chamou-me à atenção", diz-nos a reme-

xer nos documentos dentro da caixa onde estava o manuscrito e que tem o nome de Schuchardt, O linguista mostra mesmo o envelope onde veio o manuscrito para Portugal.

O que aconteceu então a seguir à morte do linguista alemão? Schuchardt cumpriu a sua palavra. O manuscrito é expedido da biblioteca da Universidade de Graz por um doutor Fellin em Outubro de 1927. A carta da biblioteca está também na caixa. "O pacote andou durante dois meses por Lisboa 'à procura' de Leite de Vasconcelos", conta Ivo Castro. Afinal, o documento é enviado para a Biblioteca Nacional, onde Leite de Vasconcelos já não trabalhava há 16 anos. Acaba por chegar ao português, mas não se sabe bem como e Leite de Vasconcelos também nunca diz que o tem nem publica nada sobre ele.

Ainda terá feito uma tentativa perto da sua morte. Prova disso é um envelope encontrado junto ao manuscrito – na tal caixa – com a transcrição parcial de versos em crioulo. Essa transcrição tinha sido pedida a Alois Richard Nykl (1885-1958), um arabista checo-americano que estudava literatura árabe-andaluza e esteve algum tempo em Portugal a investigar inscrições árabes. Como o resultado não terá sido claro, deixou ficar o manuscrito dentro do envelope em que veio. Além disso, no final da sua vida, Leite de Vasconcelos andava com outro importante afazer: a escrita e publi-

cação da Etnografia Portuguesa.

O manuscrito chegou assim às mãos de investigadores do século XXI através de uma redescoberta de um linguista e de uma bibliotecária do Museu Nacional de Arqueologia. E como reagiram quando se deram com o documento? "Tenho impressão que das primeiras sensações que tive foi de vergonha. Afinal de contas o manuscrito estava aqui quando já o tinha desistido de encontrar", relembra Ivo Castro. O linguista diz que, se tivesse a certeza de que tinha chegado a Leite de Vasconcelos, teria até insistido mais e procurado de outras formas. Agora, descreve esta descoberta como "um reconhecimento de uma coisa que estava à vista"

E há factores que o linguista considera determinantes nesta redescoberta. Primeiro, o facto de o terem deixado entrar no depósito da biblioteca que está, por norma, fechado aos leitores. "Quando isso aconteceu, foi a segunda vez [que aqui entrei]", enumera. Nesse seguimento, elogia Lívia Coito: "É uma bibliotecária fora do padrão! Sugiro que lugares como este continuem a ter bibliotecários como a doutora Lívia Coito, que não são burocratas." Aponta ainda outra importante razão para o manuscrito ter sido agora encontrado: "Por acaso, este leitor [ele próprio] já tinha encontrado referências ao manuscrito em trabalhos anteriores. Facilitou e permitiu dizer: 'Cá está ele!'

O linguista não tem grandes dúvidas de que este depósito é um "sítio



Dois dos proprietários do manuscrito: Hugo Schuchardt (em cima) e Leite de Vasconcelos



carregado de possibilidades, de tesouros escondidos e não reconhecidos". O legado de Leite de Vasconcelos está em dois pólos principais: no Museu Nacional de Arqueologia e na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Só relativamente às caixas, como a que foi encontrada o manuscrito, há 50 de documentos do próprio autor na Universidade de Lisboa e 275 no museu. Lá dentro, estão milhares de manuscritos, correspondência, desenhos, gravuras ou notas. É um mundo.

Oue manuscrito é este

Foi desse mundo que se revelou o manuscrito com os pantuns. Numa sala de leitura da biblioteca do museu, Lívia Coito mete umas luvas brancas, pega no documento e exibe-o. É um pequeno livro que, na sua aparência, se assemelha a colectâneas da Península Ibérica do barroco tardio. A bibliotecária deixa-o a repousar na mesa. "Olhe, ficou aberto numa cantiga portuguesa", avisa-nos. Lá dentro, tem 11 poemas autóno

mos: cinco numa variedade de malaio, cinco num crioulo português e um que conjuga ambas as línguas. Ao todo, tem 39 fólios (ou páginas). "Há algumas páginas em que se nota que o texto ou o tamanho da letra tiveram de ser encurtados para que coubesse um determinado número de quadras. Isto parece-nos indicar que a divisão dos conteúdos e onde

comecam os diversos poemas foi feita antes de se começar a escrever" descreve Hugo Cardoso, linguista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que também nos acompanha na visita ao museu e participou na análise ao manuscrito.

Agora, pela primeira vez, é feita uma leitura e análise integral deste manuscrito. Intitulado Livro de Pantuns, esse estudo é publicado em livro pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM). Nesse livro, a investigação é divulgada em português e em inglês, está o fac-símile e a reprodução textual segundo vários modelos. A apresentação do livro ocorrerá a 19 de Julho, às 18h, na Biblioteca da Imprensa Nacional, em Lisboa, Ao todo, são cinco os autores: além de Ivo Castro e Hugo Cardoso, juntaram-se a este trabalho Alan Baxter, Alexander Adelaar e Gijs Koster.

Nesta primeira análise, são lançadas várias pistas sobre o manuscrito. 'Não sabemos de ciência certa onde foi feito, por quem foi feito, como foi feito e nem o que aconteceu nos seus primeiros 100 ou 150 anos de vida. No nosso livro fazemos propostas", aponta Ivo Castro, Vamos a elas

Quanto ao material, foram identificados papéis de fabrico europeu. A encadernação é composta por um papelão indistinto, mas dentro dela há uma folha que foi identificada como papel usado pela administração holandesa entre os séculos XVII e XVIII. Sobre as páginas onde foram escritos os poemas, há papel que não é identificado e há outro que é um papel "francês" muito usado na documentação dos Países Baixos dessa altura. "Há uma viabilidade entre os papéis identificados e da sua localização em ambientes da administração colonial holandesa, a Companhia das Índias Orientais. Isso é bastante plausível", resume o linguista.

Nova pista: o manuscrito foi uma cópia elaborada a várias mãos. "A letra em que o manuscrito está feito revela que não há só uma mão, mas que há várias", indica Ivo Castro, Terá assim sido escrito por várias mãos e todas praticaram o mesmo estilo caligráfico, que era típico do Norte da Europa (Dinamarca e Países Baixos) do século XVII e XVIII. "Portanto, é compatível com as de oficiais de escrita ao serviço das instituições holandesas em Batávia", assinala.

Hugo Cardoso adianta que outra pista é a ortografia. "Notam-se muitas opções ortográficas que são claramente holandesas", aponta. Há ainda pistas na própria poesia.

"Há dois poemas que fazem referências históricas", indica Hugo Cardoso. Esses episódios aconteceram no final do século XVII – por volta de 1680 –, na ilha de Java. "Portanto, [os poemas] não podem ter sido [feitos antes]. Provavelmente, não poderá ter sido muito depois porque os factos teriam de estar frescos", sugere.
Portanto, os autores da análise

arriscam que o manuscrito tenha ->



Data: 10.07.2022

Titulo: Manuscrito asiático com 300 anos redescoberto em Lisboa

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário Secção: Destaque Pág: 1;2;3;4



Destaque Livro de poemas em crioulo português e malaio

sido produzido em ambientes da colónia holandesa de Batávia.

Pantuns, o que são?

Vejamos, pois, que género e línguas ficaram conservados no manuscrito. Os poemas inserem-se num género popular no Sudeste asiático, o pantun. Esta forma poética consiste, no geral, em quadras em que primeiro verso rima com o terceiro e o segundo com o quarto. Os pantuns são essencialmente literatura oral. Normalmente, são compostas por improvisação, explicam os autores no livro. Os temas são diversos, como o amor, a guerra e a vida quotidiana.

'O género existe, pelo menos, des de o século XVI, tal como pode ser concluído através de exemplares preservados em manuscritos malaios", refere Gijs Koster, assinalando que são um género literário malaio e que podem até já existir na tradição oral há mais tempo. Hoje, continuam a ser uma importante forma de improviso tanto na Malásia como na Indonésia Hoje, o género é praticado em concursos de composição e são inseridos até em discursos oficiais.

Os textos no manuscrito parecem ser transcrições de cantigas transmitidas oralmente. Quem fez a sua recolha classificou-os a todos como pantuns tanto os que estão em crioulo como em malaio. Os poemas terão sido criados por e para mardicas.

O crioulo malaio-português de Batávia no manuscrito é um crioulo de base lexical portuguesa e é um dos que se formaram ao longo do litoral asiático. Alan Baxter conhece bem o crioulo português de Malaca e diz que é semelhante ao falado em Batávia. Algumas das suas características gramaticais agrupam-se de forma semelhante à dos crioulos do Sudeste asiático e terá resultado de uma confluência de variedades do português crioulo originário do Sul da Ásia (como do Sri Lanka), juntamente com uma contribuição do crioulo de Malaca e da influência contínua do contacto com o malaio.

Até agora, havia apenas duas fontes de material linguístico do que seria o crioulo de base portuguesa em Batávia durante o século XVII e XVIII uma de 1692 e outra de 1780. Agora, com o livro dos pantuns são três as fontes. Para o período anterior ao século XIX, também não se encontram mais documentos de pantuns no crioulo português de Batávia. Esta é assim a referência mais antiga para pantuns com este crioulo português, de acordo com Alan Baxter.

Já os poemas malaios estão no designado "malaio mardica". O malaio tem muitos dialectos e um tipo deles são os do malaio indonésio oriental. "O malaio mardica mostra ter semelhanças com dialectos do malaio indonésio oriental", nota Alexander Adelaar. Também tem traços do malajo do Cabo ou do Sri Lanka, Além do manuscrito, há poucos documentos que têm informações sobre o malaio mardica. Aos poucos, o malaio padrão foi-se sobrepondo a ele. Adelaar não tem dúvidas de que o manuscrito "pode explicar muito sobre o desenvolvimento do malaio mardica." Gijs Koster concorda: "É um documento raro que nos ajuda a ter conhecimento sobre o crioulo português de Batávia, bem como da variante mardica do malajo.*

Entra no radar

Numa mesa na sala da direcção do Museu Nacional de Arqueologia, Ivo Castro, Hugo Cardoso e António Carvalho (director da instituição) já falam dos passos a seguir à revelação do manuscrito ao mundo. Ivo Castro considera que "há uma quantidade de perguntas no ar". Haverá assim um período de debate. Para isso, o manuscrito será apresentado à comunidade internacional num colóquio na República Checa, em Setembro. Em 2023, será organizado um outro na Faculdade de Letras, em Lisboa.

António Carvalho também levanta, um pouco, o véu do que a "casa" do



Ivo Castro

manuscrito tem reservado para ele. Até 2025, o museu está fechado ao público para uma renovação integral. Depois, o manuscrito poderá integrar exposições e, quem sabe, vir a fazer parte da lista de mais de 900 tesouros nacionais que o museu possui.

Por agora, António Carvalho nota que o museu cumpriu uma função crucial: "Conservou o bem cultural." Além disso, cumpriu outro dos seus pilares: apoiou a sua investigação. Leite de Vasconcelos estaria felicíssimo por ver que agora estamos a dar atenção a um documento que ele conseguiu que viesse para o museu por testamento." Para si, este livro que se fartou de viajar vai entrar "no radar" da investigação. "Estamos a falar de um livro intercontinental. Esteve em vários países e agora está no sítio próprio. É um livro andarilho.'

Um manuscrito viajante que nos traz um português de outras paragens e nos faz viajar por um malaio mais distante. Vozes de outros tempos que estavam guardadas numa caixa de um museu em Lisboa.

Quem terá criado os poemas no manuscrito?

Mardicas, quem eram estes antigos escravos que viviam em Java

Teresa Sofia Serafim

Muitos dos mardicas eram ex-escravos e seus descendentes que os holandeses levaram para a ilha de Iava no século XVII

centemente, foi redescoberto um manuscrito com poemas num crioulo malaio-português e em malaio. De acordo com uma análise agora apublicada, esses poemas terão sido criados por e para mardicas em Batávia (actual Jacarta), na ilha de Java, Ouem eram eles?

O termo mardica deriva do malaio merdeka, que significa "livre" e "se aplica a quem não tinha o estatuto de escravo, mas era um cidadão nativo livre", refere-se na publicação Livro de Pantuns (2022, Împrensa Nacional). Dentro da população asiática, eram um grupo de constituição variada que foi para a ilha de Java. "Muitos eram antigos escravos do subcontinente indiano, que se tinham convertido ao catolicismo e serviam como milícia, primeiro sob domínio português e mais tarde, tornados protestantes, sobre os neerlandeses", lê-se no livro, num artigo de Giis Koster.

Muitos dos mardicas em Batávia tinham vindo assim de antigos entrepostos comerciais portugueses oficiais e não oficiais. No final do século XV, os navegadores portugueses tinham chegado à Índia e estabelecido os tais entrepostos em Cochim, na costa de Malabar e em Malaca onde o português chegou a ser falado como primeira língua. Nestas feitorias eram faladas variedades de português pidgin (falado como língua não materna e em situações específicas, como negócios) e português crioulo (línguas que se formam a partir do contacto do português e de línguas asiáticas).

Mas havia muitos que não vinham de locais de domínio português: dentro desse grupo, havia então pessoas vindas de povos oriundos de Sul da Índia (Negapatão e Cochim), Sri Lanka, Bengala, Birmânia, Malaca ou do Leste do arquipélago indonésio (como Banda ou Amboina).

Durante o século XVII, com as conquistas dos holandeses no Sul e Sudeste asiático, a Companhia Holandesa das Índias Orientais levou para Batávia milhares de pessoas desses locais. Aí, muitos escravos ou cativos deixaram de o ser. Muitos dos mardicas eram assim escravos libertos e os seus descendentes que os holandeses levaram de territórios e entrepostos que conquistaram, sendo que muitos



Capa do manuscrito encontrado no Museu Nacional de Arqueologia

deles falavam crioulos portugueses.

Em Batávia, houve assim uma convergência de crioulos de base portuguesa que já tinham sido formados noutras regiões (como Malaca) e aqui entram tanto em contacto uns com os outros como com o malaio e o javanês ou até muitas outras línguas que aí circulavam. "Batávia era uma espécie de melting pot linguístico", compara Hugo Cardoso, um dos investigadores envolvidos na análise. No manuscrito reencontrado, encontramos assim um crioulo malaio-português e o malaio mardica (variedade de malaio usado por mardicas).

Com esta deslocação, algumas formas de português tiveram um impulso nesta parte do mundo. "O português crioulo em Java recebeu um impulso significativo quando os holandeses conquistaram a maioria dos antigos entrepostos portugueses do Sul da Ásia e no Sudeste da Ásia", reforca Alan Baxter, que também participou na análise ao manuscrito.

Calças largas à português

Os mardicas tinham diferentes ocupações em Batávia e lá perto: uns eram mercenários ao serviço da Companhia das Índias Orientais e outros serviam os holandeses como trabalhadores braçais ou vigilantes de escravos. E não só: com a abertura dos terrenos fora da cidade, eram conhecidos como fornecedores de

No manuscrito, encontramos um crioulo de base portuguesa e uma variedade de malajo falada por mardicas

aves domésticas e vegetais.

Tinham uma forma peculiar de se vestir, tal como se explica na análise: usavam calças largas ao estilo dos portugueses, chapéus pretos dos holandeses e meias e sapatos na estação seca. Também costumavam adoptar nomes cristãos, portugueses ou holandeses.

Ouando ficaram sem condições para viver em casas dentro das portas da cidade, começaram a formar uma espécie de "bairro indiano" fora das muralhas, indica-se no livro, "Aí falavam como primeira língua o crioulo português (que na Índia havia sido a sua língua de contacto), mas frequentemente recorriam ainda às suas línguas das regiões indianas de onde eram provenientes", refere-se na análise. Em 1673, os mardicas eram o grupo mais númeroso da cidade.

No final do século XVIII, esta comunidade foi entrando em decadência. O motivo? A quebra económica causada pelas guerras com ingleses. Até deixaram de se vestir ao estilo dos europeus e mudaram-se para aldeias à volta da cidade, misturando-se com povos locais. "Para comunicarem com estes diferentes povos [como os malaios], os mardicas, tal como os neerlandeses, usavam o malaio, como língua de contacto", indica-se no livro. Conforme se tornavam fluentes em malaios, o português ia diminuindo a sua influência em Batávia.

Hoje, o crioulo está extinto como língua falada em Jacarta, mas ainda sobreviveu até ao XX em Tugu, aldeia a poucos quilómetros de Batávia. "O declínio está relacionado com ascensão do malaio como língua franca da cidade de Batávia", conta Alan Baxter. "Quando realizei trabalho de campo, no final da década de 1970, não havia falantes genuinamente fluentes, embora alguns idosos tivessem um domínio fragmentado do idioma.'